Dia 7 — Do Batismo de Nosso Senhor Jesus Cristo, cuja memória a Igreja celebra no dia da Epifania

Se este segundo dia da oitava cair em domingo, poderá ler-se o que corresponde à dominica infraoitava no dia nove, e transferir para esse dia o que corresponde ao presente.

No décimo quinto ano do império de Tibério, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia pelos romanos, e reinando na Galileia como tetrarca, isto é, como príncipe dependente dos mesmos romanos, Herodes Antipas, filho do outro Herodes que mandou degolar os santos meninos inocentes, João Batista, inspirado pelo espírito de Deus, saiu do deserto para pregar penitência e preparar os caminhos do Senhor, como precursor do Messias. Andava pelas margens do Jordão batizando os que concorriam a ouvi-lo e exortando-os a converter-se a Deus, fazendo penitência de seus pecados.

Por esse tempo o Salvador do mundo, que desde que voltara do Egito havia vivido inteiramente ignorado em Nazaré, pequeno lugar da Galileia, veio à Judeia, tendo a idade de trinta anos, e quis ser batizado por São João, como os outros, para santificar desde então as salutares águas do batismo dos cristãos, do qual era figura o batismo de João, e para dar princípio à sua vida pública por esse grande ato de humildade.

Quando o Filho de Deus ia se aproximando do rio Jordão, iluminado São João por uma luz sobrenatural, conheceu clara e distintamente que aquele homem que vinha pedir-lhe o batismo era o Messias e que se certificaria mais disso com os sinais visíveis que lhe daria o Espírito Santo depois de o ter batizado. É fácil considerar que sentimentos de gozo, de admiração, de respeito e de ternura inundariam então o coração do Batista. Pois quê, Senhor, vós vindes a mim para ser batizado, quando eu é que devo ser batizado por vós? Assim exclamou João ao ver que o Salvador se aproximava do Jordão. Respondeu-lhe o Senhor que era preciso cumprir esse mistério e que queria começar sua pregação por esse ato de humildade para confundir o orgulho do mundo; que os dois deviam sujeitar-se às ordens da divina sabedoria, cumprindo eles mesmos toda a justiça e desempenhando suas obrigações. Ao ouvir isso, o Batista calou-se, rendeu-se e o batizou sem réplica.

Mal o Salvador havia recebido o batismo, mal saíra das águas, quando, pondo-se em oração à margem do mesmo Jordão, quis o Pai eterno manifestar com um extraordinário prodígio quão grata lhe havia sido a sua humildade. Abriu-se repentinamente o céu, e viu São João que o Espírito Santo descia visivelmente sobre ele em figura de pomba, assim como no dia de Pentecostes desceu depois sobre os apóstolos em línguas de fogo, e ao mesmo tempo ouviu uma voz do céu que dizia [^1]: Este é o meu Filho amado, em quem tenho todas as minhas delícias e todas as minhas complacências. Nunca tarda muito o prêmio da humildade. Um afetuoso aniquilamento de nós mesmos, um conhecimento prático de nosso nada, ganha sempre o coração de Deus. Quantos discretos do mundo veriam o batismo de São João como uma devoção popular, como uma exterioridade própria para entreter a piedosa credulidade do vulgo? Com tudo isso, Jesus Cristo não desdenhou misturar-se à multidão nem equiparar-se ao comum do povo numa devoção piedosa, num ato de religião.

Bela lição para aqueles personagens de autoridade e de respeito que imaginam que se deslustrará sua nobreza, que se abaterá sua dignidade, se se mostrarem tão religiosos, tão devotos como a gente do povo. Tudo o que Deus nos manda, tudo o que é de seu agrado, honra muito a qualquer um que o pratica; porque não há título, não há qualidade mais honrada que a de servo de Deus.

Não é de admirar que o Espírito Santo escolhesse aquele tempo para descer visivelmente sobre o Salvador do mundo em figura de pomba. O batismo é o sacramento que mais purifica a alma, e o Espírito Santo só descansa com as almas puras; nem Deus tem suas delícias senão no coração humilde. Quando chegará o tempo em que exemplo tão ilustre e lições tão importantes causem alguma impressão em nosso espírito e sirvam de remédio eficaz a nosso orgulho?

Este oráculo tão claro e este testemunho tão autêntico da divindade de Jesus Cristo foi considerado tão glorioso para a religião católica que, em memória dele, se instituiu uma festa particular na Igreja, sendo uma das mais solenes que se celebravam nos primeiros séculos. Chamava-se então a festa da *Teofania*, que quer dizer a manifestação da divindade de Jesus Cristo, ou o dia em que Deus se mostrou visivelmente aos homens pela vinda do Espírito Santo sobre o Salvador e pelo testemunho sensível do Pai eterno, que declarou ter nele a sua complacência. E, como esse batismo sucedeu no dia 6 de janeiro, segundo a tradição mais antiga e o testemunho de São Paulino, por isso se junta essa festa à adoração dos reis.

Nunca se tinham visto com os olhos corporais São João e Jesus Cristo; mas, com tudo isso, não deixavam de conhecer-se perfeitamente. São João havia conhecido Jesus Cristo antes de nascer, quando saltou de gozo no ventre de sua mãe, Santa Isabel, na presença da santíssima Virgem, que levava em seu seio o Salvador feito carne.

Santo Agostinho, São João Crisóstomo, São Jerônimo e outros padres da Igreja alegam muitas razões de conveniência para que o Salvador, que era a própria inocência e que vinha tirar os pecados do mundo, tenha recebido o batismo instituído unicamente para os pecadores. Primeiro, para ensinar com seu exemplo que os demais o recebessem, tendo tanta necessidade dele. Segundo, para manifestar sua humildade, cumprindo, como ele mesmo disse, toda justiça e virtude. Terceiro, para autorizar com sua aprovação o batismo de São João, seu precursor. Quarto, para que o Espírito Santo, o Pai eterno e o próprio São João tivessem essa ocasião de dar o

testemunho que deram de sua divindade, e isso servisse de disposição aos povos para ouvir sua doutrina e segui-lo. Quinto, para santificar as águas, preparando-as com sua presença, com seu contato e com a virtude secreta que lhes comunicou, para que algum dia fossem salutares aos demais, habilitando-as, como dizem Santo Hilário e Santo Ambrósio, a dar a remissão dos pecados por meio do sacramento que haveria de instituir antes de sua morte. Sexto, enfim, como acrescentam Santo Agostinho e São Crisóstomo, para abolir com essa cerimônia o batismo dos judeus e estabelecer o seu próprio batismo, cujo preceito impôs a todos algum tempo depois.

Diz o Evangelho que, ao sair da água, o Salvador viu rasgar-se o céu e descer sobre sua cabeça o Espírito Santo em figura de pomba. A matéria dos céus é incapaz de rasgar-se ou romper-se, e assim tanto São Mateus como São Marcos se explicam nesta ocasião segundo o modo vulgar de falar. É provável que aquele aparente rompimento não fosse separação ou segregação real e verdadeira, mas uma como súbita luz ou resplendor que parecia sair do fundo do próprio céu, à maneira do relâmpago ou do raio, que parecem fender o ar rompendo por meio da nuvem. Nem os santos padres nem a venerável antiguidade acharam indecência alguma em que o Espírito Santo se representasse em figura de pomba, visto que toda a Escritura está cheia de semelhantes representações figuradas do Filho de Deus, chamando-o Leão de Judá, Vermezinho de Jacó, Cordeiro, Pedra angular, Águia etc. A pomba que Noé despachou de sua arca para saber se as águas do dilúvio se haviam retirado foi, no sentir dos santos padres, símbolo da pomba que apareceu no batismo sobre a cabeça de Nosso Salvador. A pomba é um animal doce, inocente, benigno, casto, fecundo, amável, e por isso muito oportuno para representar os dons do Espírito Santo, a saber, sua bondade, sua doçura, sua liberalidade, sua fecundidade etc. Acrescenta São Justino mártir, sobre a fé de uma tradição muito antiga, que, no momento em que Jesus Cristo entrou no Jordão, viu-se brilhar um resplandecente fogo sobre as mesmas águas, efeito sem dúvida do súbito resplendor que cercou então o Filho de Deus, semelhante ao que depois o rodeou no monte Tabor, quando se viu como que investido de uma luminosa nuvem.

A Igreja grega sempre celebrou, e ainda celebra hoje, a festa da Epifania com uma piedosa profusão de luminárias; o mesmo praticou por muito tempo a Igreja latina; e daqui sem dúvida deve ter tido princípio o costume que se observa em algumas províncias de apresentarem-se reciprocamente neste dia umas velas coloridas, que se chamam as *candelas dos Reis*: costumes fundados na tradição, que raramente deixam de aludir a algum piedoso mistério. Observou-os com louvável candura a devoção de nossos antepassados; e se com o tempo degeneraram daquela simplicidade e daquele mérito que tiveram em sua primeira instituição, nem por isso deixaram de ser plausíveis e recomendáveis em sua origem.

Martirológio Romano

A volta do menino Jesus do Egito.

No mesmo dia, São Luciano, presbítero da Igreja de Antioquia, um dos homens mais sábios e mais eloquentes de seu século, que sofreu a morte pela fé de Jesus Cristo em Nicomédia, durante a perseguição de Galério Maximiano, e foi sepultado em Helenópolis, na Bitínia: São João Crisóstomo

fez um discurso em seu louvor.

Em Antioquia, São Clero, diácono, que foi submetido sete vezes à tortura, mantido muito longo tempo numa estreita prisão em defesa da verdade e, por fim, tendo-lhe sido cortada a cabeça, consumou-se seu martírio.

Em Heracleia, os santos Félix e Januário, mártires.

No mesmo dia, São Juliano, mártir.

Na Dinamarca, São Canuto, rei e mártir, cuja festa se celebra no dia dezenove deste mês.

Em Pavia, São Crispim, bispo e confessor.

Na Dácia, São Nicetas, bispo, que, pregando o Evangelho a nações ferozes e bárbaras, tornou-as pacíficas e tratáveis.

No Egito, São Teodoro, monge, que brilhou por sua santidade no tempo de Constantino, o Grande, e de quem fala Santo Atanásio na *Vida de Santo Antão*.

Em Barcelona, São Raimundo de Penyafort, da ordem dos pregadores, célebre por seu saber e por sua santidade. Sua festa só se faz no dia vinte e três deste mês.

Missa (oração)

A missa é a mesma que no dia da Epifania, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui hodierna die Unigenitum tuum gentibus stella duce revelasti: concede propitius; ut qui jam te ex fide cognovimus, usque ad contemplandam speciem tuæ celsitudinis perducamur. Per eundem Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que neste dia revelastes aos gentios o vosso Unigênito, tendo uma estrela por guia, concedei-nos, por vossa bondade, que, já que vos conhecemos pela fé, cheguemos à contemplação de vossa inefável glória. Pelo mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor.

Epístola

A epístola é do capítulo 60 de Isaías, a mesma de ontem, dia 6.

Isaías 60,1-6

> **Latim:** [1] Surge, illuminare, Jerusalem, quia venit lumen tuum, et gloria Domini super te orta est. [2] Quia ecce tenebræ operient terram, et caligo populos ; super te autem orietur Dominus, et gloria ejus in te videbitur. [3] Et ambulabunt gentes in lumine tuo, et reges in splendore ortus tui. [4] Leva in circuitu oculos tuos, et vide : omnes isti congregati sunt, venerunt tibi ; filii tui de longe venient et filiæ tuæ de latere surgent. [5] Tunc videbis, et afflues ; mirabitur et dilatabitur cor tuum : quando conversa fuerit ad te multitudo maris ; fortitudo gentium venerit tibi. [6] Inundatio camelorum operiet te, dromedarii Madian et Epha ; omnes de Saba venient, aurum et thus deferentes, et laudem Domino annuntiantes.

Português: [1] LEVANTA-TE, esclarece-te, Jerusalém: porque chegou a tua luz, e a glória do Senhor naseeo sobre ti. [2] Por quanto eis-ahi cobrirão as trévas a terra, e a escuridade os povos: mas sobre ti nascera o Senhor, e a sua gloria se verá em ti. [3] E andarão as gentes na tua luz, e os reis no esplendor do teu nascimento. [4] Levanta em roda os teus olhos, e vê: todos estes se tem congregado, elles vierão a ti: teus filhos virão de longe, e tuas filhas se levantarão de todos os lados. [5] Então verás tu, e estarás em asfluencia, e o teu coração se espantará, e se dilatará fora de si mesmo, quando se converter a ti a multidão do mar, vier a ti a fortaleza das nações: [6] huma inundação de récuas de camelos te cobrirá, de dromedarios de Madian e d'Efa: todos virão de Sabá, trazendo-te ouro e incenso, e anunciando louvor ao Senhor.

Nota

« Todo o capítulo de onde se tirou esta epístola representa o estado triunfante de Jerusalém depois que alcançou a salvação, a multidão de reis e povos que de todas as partes se lhe renderam e as riquezas de que foi como inundada. O Profeta, diz Teodoreto, dirige-se e fala à Jerusalém terrestre enquanto representa a Jerusalém celestial e a Igreja de Jesus Cristo. »

Reflexões

Então verás e serás enriquecido; admirar-se-á e dilatar-se-á o teu coração. Enquanto não nos acharmos no céu, naquela celestial Jerusalém, em nossa querida, em nossa suspirada pátria, não se verificarão estas doces, estas alegres profecias. A terra é para nós lugar de desterro e região de pranto.

Cobriu-se de uma profunda tristeza o semblante dos israelitas durante o tempo de seu cativeiro na cidade de Babilônia. Alguns habitantes daquela populosa cidade, movidos de compaixão, procuravam consolá-los, exortando-os a que desafogassem o ânimo esquecendo por algum tempo

seus trabalhos e suas melancolias, e para isso os estavam continuamente importunando para que cantassem em Babilônia alguma daquelas cantigas que cantavam em seu país. Cantai aqui, diziam-lhes, como cantáveis em Jerusalém. Por que não vos divertis como nos divertimos nós os demais? Estais longe de vossa terra, é assim; mas que vos falta na nossa? Quantas diversões, quantos entretenimentos podeis achar aqui, se os quiserdes gozar? Sois estrangeiros, é verdade; mas a alegria é patrícia de todo o mundo. Esquecei por algum tempo essa pátria, pela qual tanto suspirais, e desfrutai os bons dias que desfrutamos todos. Em Babilônia há diversões; se as buscardes, já encontrareis em que aliviar vossas penas e em que descansar de vossos cuidados. Há jogos, há conversações, há espetáculos, há banquetes; e tudo pode contribuir para tornar-vos mais suportável o vosso desterro. Estais em terra estranha; mas é terra que produz flores, e está em vossa mão colhê-las. Se quiserdes, facilmente podeis converter em dias de festa esses dias de cativeiro e de desterro. Se o céu não está tão sereno como o de vosso país, nem por isso os prazeres de Babilônia são menos agradáveis. Depondo essa seriedade incômoda e sombria, revesti-vos de uns modos mais gratos, mais aprazíveis; cantai como cantamos nós; ouçamos o metal de vossa voz, já que nós não vos regateamos as nossas.

Que responderiam os fiéis israelitas a solicitações tão tentadoras, a todas aquelas razões de conveniência e de gosto? *Quomodo cantabimus in terra aliena?* Infelizes de nós! Como quereis que cantemos em terra estranha, e desterrados? Como é possível alegrarmo-nos, achando-nos tão distantes de nossa querida pátria? Não são decentes para nós as vossas diversões, nem é razão que tenhamos parte nem tomemos gosto às vossas festas. Vós, que não servis ao Senhor a quem nós servimos, vós, que não esperais melhor sorte, gozai quanto quiserdes dos gostos e dos prazeres que se vos apresentam. Mas nós, que somos de outro país, que esperamos a cada hora o fim de nosso desterro, que estamos continuamente suspirando por nossa amada pátria, não achamos nem podemos achar nesta região mais que pranto e amargura, e reservamo-nos para outros prazeres mais sólidos, para outros gostos mais doces. Não cantaremos, não, as nossas canções senão em Jerusalém; não alcançaremos, não, alegria verdadeira senão naquela feliz, naquela ditosa morada. Babilônia para nós é região de pranto; tenhamos um pouco de paciência, que já chegará o tempo de nos trasladarmos ao país do regozijo. Assim respondiam os fiéis israelitas aos infiéis babilônios. E que outra linguagem deveriam observar os verdadeiros cristãos? É porventura o mundo país menos forasteiro, lugar de menos desterro para eles do que Babilônia para os judeus? São decentes aos fiéis as diversões, as alegrias do mundo?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 2 de São Mateus, e o mesmo de ontem.

Mateus 2,1-12

> **Latim:** [1] Cum ergo natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis regis, ecce magi ab oriente venerunt Jerosolymam, [2] dicentes : Ubi est qui natus est

> rex Judæorum ? vidimus enim stellam ejus in oriente, et venimus adorare eum. [3] Audiens autem Herodes rex, turbatus est, et omnis Jerosolyma cum illo. [4] Et congregans omnes principes sacerdotum, et scribas populi, sciscitabatur ab eis ubi Christus nasceretur. [5] At illi dixerunt : In Bethlehem Judæ : sic enim scriptum est per prophetam : [6] Et tu Bethlehem terra Juda, nequaquam minima es in principibus Juda : ex te enim exiet dux, qui regat populum meum Israël. [7] Tunc Herodes clam vocatis magis diligenter didicit ab eis tempus stellæ, quæ apparuit eis : [8] et mittens illos in Bethlehem, dixit : Ite, et interrogate diligenter de puero : et cum inveneritis, renuntiate mihi, ut et ego veniens adorem eum. [9] Qui cum audissent regem, abierunt, et ecce stella, quam viderant in oriente, antecedebat eos, usque dum veniens staret supra, ubi erat puer. [10] Videntes autem stellam gavisi sunt gaudio magno valde. [11] Et intrantes domum, invenerunt puerum cum Maria matre ejus, et procidentes adoraverunt eum : et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, aurum, thus, et myrrham. [12] Et responso accepto in somnis ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in regionem suam.

Português: [1] TENDO pois nascido Jesus em Belém de Judá, em tempo do rei Herodes, eis-que vierão do Oriente huns magos a Jerusalem, [2] dizendo: Onde está o Rei dos Judeos, que he nascido? porque nós vimos no Oriente a sua estrella, e viemos a adorarlo. [3] E o rei Herodes ouvindo isto se turbou, e toda Jerusalem com elle. [4] E convocando todos os principes dos sacerdotes, e os escribas do povo, lhes perguntava, onde havia de nascer o Christo. [5] E elles lhe disserão: Em Belém de Judá: porque assim está escrito pelo profeta: [6] E tu Belém, terra de Judá, não és a de menos consideração entre as principaes de Judá: porque de ti sahirá o Conductor, que ha de commandar o meu povo d'Israel. [7] Então Herodes tendo chamado secretamente os magos, inquiriu d'elles com todo o cuidado, que tempo havia que lhes apparecêra a estrela. [8] E enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide, e informai-vos bem que menino he esse: e depois que o houverdes achado, vinde-mo dizer, para eu ir tambem adorarlo. [9] Elles tendo ouvido as palavras do rei, partirão: e logo a estrella, que tinham visto no Oriente, lhes apareceu, indo adiante d'elles, até que chegando, parou sobre onde estava o menino. [10] E quando elles virão a estrella, foi sobremanceira grande o jubilo, que sentirão. [11] E entrando na casa, achárão o menino com Maria sua mãe, e prostrando-se, o adorárão: e abrindo os seus cofres, lhe fizeram suas offertas d'ouro, incenso, e myrrha. [12] E havida resposta em sonhos, que não tornassem a Herodes, voltárão por outro caminho para a sua terra.

Meditação

Que Jesus Cristo nunca parece maior do que quando mais se humilha por nós

Primeiro ponto

Considera que Jesus Cristo nunca pareceu tão grande como é verdadeiramente senão em meio a seus maiores abatimentos. Que coisa de maior humildade para todo um Deus do que ver-se reduzido às misérias e à fraqueza de um menino? Pois o nascimento desse menino fraco e desconhecido é o que anunciam os anjos; esse menino é o que um novo astro manifesta às nações estrangeiras; a esse menino tão pobre e tão pobremente alojado vêm adorar os reis; a esse o reconhecem por soberano seu quando lhe oferecem seus dons, quando lhe prestam respeitos, quando lhe tributam vassalagem. Que monarca do mundo recebeu jamais tanta honra em seus magníficos palácios? Que motivo humano, que razão natural pôde influir num sucesso tão maravilhoso, tão extraordinário? Não se descobriu aqui visivelmente a onipotência do Dono do universo? Onde se achará o caráter de uma majestade suprema mais bem estampado? Brilha sua divindade entre as sombras de um obscuro nascimento; mas que impressão faz em nós? Reconhecemo-la? Respeitamo-la? Consultemos nossas ânsias, nossa devoção, nossa rendição.

Foi sem dúvida muito humilhante a morte de Jesus Cristo; mas onde se descobriu mais a sua divindade do que no desprezo daquela morte? Expira o Salvador, e toda a terra se estremece; rende na cruz o último alento, e reconhecem-no seus inimigos por verdadeiro Filho de Deus, por Messias verdadeiro. Morre enfim, e os mesmos que não puderam duvidar de que havia morrido o viram ressuscitado. Ó sabedoria de meu Deus, e quão admirável és! Se o Salvador tivesse nascido na abundância, na magnificência, que maravilha seria que o cortejassem os grandes da terra? Mas que, nascendo na obscuridade, na pobreza, seja conhecido por Dono do universo e seja adorado pelos príncipes mais religiosos, pelos mais sábios do mundo: que prova mais sensível nem mais ilustre de sua divindade!

Oh, grande Deus, e quão pouco caso faz do parecer dos sentidos uma fé viva, uma fé ardente! Que maravilhas não descobre em todos os nossos mistérios! Necessariamente deve ser muito débil, muito apagada a nossa fé quando nada nos faz força senão o que entra pelos olhos. Mas, ah, que nada nos debilita tanto a fé como a desordem dos costumes!

Segundo ponto

Considera que o batismo de Jesus Cristo não foi o menor de seus abatimentos e talvez tenha sido um dos mais sensíveis. É claro que somente os pecadores tinham necessidade daquela purificação; ninguém a praticava que não se reconhecesse culpado e que não fosse reconhecido por tal. Além disso, não parecia decente que o Salvador do mundo, o Messias, se fizesse como discípulo de São João Batista. Contudo, nem desdenha misturar-se com os pecadores, nem recusa ouvir os sermões de seu precursor e receber de suas mãos o batismo. Que ação mais humilhante para o Salvador? Mas então, precisamente, foi quando Jesus Cristo foi declarado e conhecido publicamente pelo que era. O Batista, sem tê-lo visto, o confessou por seu Salvador; o Pai eterno o publicou por seu Filho; o Espírito Santo desceu visivelmente sobre ele em figura de pomba. Talvez nunca tenha tido testemunho mais autêntico nem mais visível de sua divindade.

Adoremos os abatimentos de nosso divino Salvador; mas envergonhemo-nos, enrubesçamos, choremos o horror com que nosso orgulho olhou até aqui as humilhações e os abatimentos. Somente os réprobos se escandalizam da humildade de Jesus Cristo. Um coração puro, uma alma

fiel nunca descobre melhor a virtude da divindade, como diz o Apóstolo, do que em meio à humilhação. Entre elas foi Cristo reconhecido por verdadeiro Filho de Deus, e entre elas também havemos nós de ser reconhecidos por verdadeiros discípulos de Cristo: Aprendei de mim, diz-nos o mesmo Senhor, que sou manso e humilde de coração. Aproveitei-me muito dessa divina lição? A humildade é o caráter que distingue os verdadeiros cristãos; sem ela não há virtude verdadeira. Meu Deus, quanto gastei inutilmente por não ter fundado sobre esse sólido alicerce!

Ah, Senhor, que vaidade tão néscia é a minha! Pequei e não quero parecer pecador. Sois testemunha de meu arrependimento; fazei que, com o socorro de vossa divina graça, seja sincero. Muitas vezes fui humilhado sem ser humilde. Ajudai-me, Senhor, para que seja humilde sempre que for humilhado.

Jaculatórias

> *Magnus Dominus, et laudabilis nimis.* Sl 47.

Grande é o Senhor e digno de ser infinitamente louvado.

> *Tu es ipse Rex meus et Deus meus.* Sl 43.

Vós, Senhor, sois o meu Rei e sois o meu Deus.

Propósitos

1. Impõe-te como uma lei honrar a humilhação e a pobreza de Jesus Cristo na pessoa dos pobres. Não somente deves falar-lhes com agrado e com afabilidade, mas também com respeito. É atenção muito digna de um cristão saudar sempre os pobres. Positivamente nos declarou Jesus Cristo que quem honra o pobre a ele honra, e quem despreza o pobre a ele despreza. Examina se tens algum parente necessitado; visita-o, socorre-o, consola-o, ao menos com o carinho e com a visita, se não puderes fazê-lo de outra maneira. É vaidade muito simples, é pobreza de entendimento, é ruindade, é vileza de coração desconhecer um parente ou um amigo porque se o vê em estado de pobre. Lembra-te de que Jesus Cristo enobreceu a pobreza com seu exemplo.

2. Muitos santos tinham o piedoso costume de dar graças a Deus com alguma breve oração sempre que lhes sucedia alguma humilhação, algum abatimento. Faze tu o mesmo, ainda que não seja mais que com uma Ave-Maria, com um *Laudate Dominum, omnes gentes*, com um Glória ao Pai. Essa fidelidade, essa generosidade cristã será origem de abundantes graças. Dificilmente

haverá coisa que mais contribua para formar um coração verdadeiramente cristão do que essa generosa, essa perfeita resignação.

[^1]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:34 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:34 by Admin